

OITO ENCONTROS SEM JUNTURA

João José Rodrigues Lima de Almeida
limalme@uol.com.br

Vou esboçar neste trabalho uma pequena história da relação entre o marxismo e a psicanálise. Esta história não vai passar de algumas breves notas, sem maiores profundidades, bastante curtas até, superficiais e ralas assim como qualquer café carioca que vocês podem tomar numa cantina de lanches rápidos. Não é possível portanto deixar de omitir alguns nomes e propostas interessantes. Isso é devido à função que me ocupa nesta mesa, que é a de apenas lembrar ao ouvinte um pouco da história dessas relações, e também atingir o objetivo a que pretendo chegar. Em contrapartida, e para dar uma vantagem ao ouvinte, vou me aproveitar do fato de estar também aqui na mesa e estabelecer uma *fala histórica* - isto é, não vou deixar passar a oportunidade de ser provocativo e aquecer o debate, mas sem deixar que se desvele o objeto que trago escondido, que não é nada.

A esta reunião ou aliança entre duas teorias diferentes com o fito de realizar determinados objetivos práticos, o desmascaramento dos fantasmas ideológicos e imaginários, o exorcismo dos feitiços de linguagem sobre o indivíduo e a sociedade, a necessária liberação individual e social para a ação política, vou chamar de *encontro* entre duas teorias. Há algumas vantagens no uso da palavra “encontro”. Quando a utilizamos, podemos estar nos referindo a (1) um sujeito que *se depara* com ou que *acha* um objeto ou então, podemos querer dizer que (2) é o efeito de uma ação intencional de duas pessoas de *reunir-se*. Como até mesmo a ação de deparar-se com ou a de achar alguma coisa não pode ser feita sem que haja desejo – não basta não ser cego para se poder achar algo –, vou dizer, forçando um pouco o pensamento nessa direção, que *num encontro o sujeito pretende ter achado o objeto que desejava encontrar*. É preciso esclarecer, ademais, que o encontro não é uma via de apenas uma direção. Se no encontro um sujeito acha um objeto, o objeto, se for outro sujeito, também acha o seu objeto, que é o outro sujeito. É uma via de mão dupla. Um sujeito é um objeto para o outro sujeito. As teorias, no caso o marxismo e a psicanálise, não são em si mesmas sujeitos nem objetos, são apenas corpos conceituais inertes, visões de mundo ou *epistemes* que podem ser usadas. Mas são realizadas, atualizadas, revistas,

incorporadas e sustentadas por sujeitos, e podem ser tratadas como objetos, dependendo da posição em que as situemos na relação de encontro.

Digamos que o que caracteriza os encontros da pequena história que vou narrar é a sua *desconjunção*. Nesses encontros ou nessas tentativas de juntura entre o marxismo e a psicanálise não houve aglutinação nem foi parida nenhuma terceira nova teoria. Nesses oito casos, algo foi cortado e algo faltou: o objeto perdido nunca pôde ser encontrado, vamos tentar ver o que houve.

Para isso, peço que vocês vejam esta minha *exposição histórico-histórica* exatamente como um leque que irei abrindo devagar diante da platéia. Vocês sabem que o leque é um utensílio que historicamente chegou a se tornar um dos mais poderosos instrumentos de sedução. Cada uma das varetas da armação desse meu leque será um desses encontros. Há uma trama envolvendo o esqueleto do leque, e sobre essa trama há um desenho que vocês poderão ver assim que o abanico estiver inteiramente aberto. Para os que não gostarem muito de leques e acharem que este é um objeto fora de moda, posso recorrer também à metáfora da escola de samba. Este aqui pode ser um desfile com oito alas sem nenhuma mulata, no final do desfile vocês poderão perceber qual terá sido o enredo.

1. Freud Avalia o Marxismo

O primeiro encontro sem juntura entre a psicanálise e o marxismo se dá na própria avaliação e rejeição de Freud. O marxismo é recusado não exatamente por demérito da teoria, que Freud considera perfeitamente legítima na sua intenção, na sua justeza, mas por efeito centrífugo resultante da própria tensão proveniente da amarração conceitual da teoria psicanalítica. Na psicanálise, a psicologia coletiva é parasita da psicologia individual, e não o contrário. Freud concebe o aparelho psíquico como o resultado da interação e do conflito entre as forças pulsionais e a realidade. Freud nos diz que só existe civilização porque as pessoas resolveram, em prol da manutenção da própria vida, abdicar da satisfação pulsional. Desde o dia em que renunciamos a matar o vizinho do lado para possuir a sua mulher e roubar os seus pertences, foi possível formar uma pequena comunidade, uma aliança entre as pessoas que viviam numa mesma

área para a proteção e a manutenção da vida, onde estava implicado um certo grau de desistência da satisfação pessoal de cada um. Essa renúncia serviria para o aumento da força, não individual, mas coletiva. A coerção da violência é, desse modo, transferida da esfera ou do raio de ação de uma só pessoa, do que ela sozinha poderia fazer contra aquele que fosse o mais forte, para o nível coletivo, onde todos reunidos gerariam maior potência para executar alguma ação de defesa ou ataque. Assim, o preço a ser pago pela existência e manutenção do laço social, seria não mais satisfazermos de maneira absoluta todos os nossos desejos. Através da coesão social seria possível reunir-se para combater o mais forte que quisesse impor sua vontade individual contra a vontade da maioria. Mas a vigência da lei, a proteção da maioria contra os indivíduos mais fortes, só se dá às custas da auto-repressão de cada um na esfera individual.

No entanto, os problemas não ficam resolvidos apenas a partir da formação desse acordo social. Ao contrário, essa compressão sofrida pelo *ego* tanto por parte dos seus impulsos internos para a satisfação dos seus desejos, como por parte da realidade na proibição desta satisfação total, resulta em inevitável neurose. Se por um lado homem não pode viver sem criar a civilização, por outro lado ele não pode ser completamente feliz dentro dela. Viver em civilização é como viver numa frágil trégua entre o desejo e a necessidade de controle do desejo. Esse estado instável, volátil, quase gasoso, de equilíbrio do ser humano, é o que explica a impossibilidade de uma paz duradoura e, por conseguinte, a impossibilidade de uma sociedade verdadeiramente igualitária. Acresce a esta condição psíquica, o fato de que não vivemos somente em função do princípio do prazer: antes e através do princípio do prazer está a chamada *pulsão de morte*, mãe da sempre surpreendente e persistente agressividade do ser humano, e que explica porque somos tão fundamentalmente capazes de amor quanto somos capazes de morte. Não é incomum vermos amor associado a morte. Sendo assim, na opinião de Freud, o marxismo pode até estar correto na sua análise da expropriação capitalista da força de trabalho da maioria, na sua percepção de que uma classe minoritária oprime e aliena a vasta maioria da classe trabalhadora; porém a sua solução, o comunismo, é, na prática, inexecutável. A essência do homem não é, para Freud, a sua atividade criadora de transformação da natureza em alguma coisa útil para si e para todos, senão uma consciência sempre alienada no conflito entre as suas pulsões internas e a realidade que lhe nega e pune a satisfação. As necessidades pulsionais continuam, em qualquer situação e lugar, em ebulição no inconsciente e prontas para explodir a qualquer momento. Nesse sentido, o

comunismo seria um projeto impossível na prática, porque o homem não deixaria nunca de ser violento, mesmo que os conflitos de classe pudessem ser abolidos. A agressão pode ser exacerbada pelas condições de opressão impostas pelo capitalismo, mas como ela não foi criada pela propriedade privada dos meios de produção, não se dissolve simplesmente com a extinção daquilo que não é a sua condição. A abolição do capitalismo não é o fim da violência.

2. Freudo-Marxistas

Seria bastante possível que a avaliação de Freud fosse contextualmente dependente, marcada fortemente pelo pessimismo que decorre de modo natural nas pessoas que viveram em tempos de guerra, ou então porque até aquele momento o pai da psicanálise não havia podido vislumbrar como poderia ser a experiência vivida do “homem novo da nova sociedade”. De fato, Freud seria, bem ou mal, mais uma das vítimas da ideologia burguesa, expressando a sua cegueira, o seu tamponamento perceptivo, pelo seu pessimismo cultural. Mas essa visão não era a mesma dos psicanalistas que apareceram na eufórica Rússia pós-revolucionária, da década de 20. Para estes, o homem novo da nova sociedade seria o homem analisado, com as suas neuroses resolvidas, tanto pela terapêutica corretiva como pela preventiva. Foi em 1921, que Vera Schmidt fundou um centro educativo que recebeu o nome de “Lar Experimental de Crianças”. Era uma instituição pedagógica que aplicava às crianças os princípios do marxismo e da psicanálise. Nessa escola, o sistema tradicional de castigos corporais foi extinto, o antigo ideal de família patriarcal foi severamente criticado em prol de valores educativos que privilegiavam a necessidade coletiva. As crianças, criadas fora de qualquer influência religiosa, eram autorizadas a satisfazer sua curiosidade sexual. Os próprios educadores eram, por sua vez, instados a não reprimir a masturbação e a tratarem as crianças em relação de igualdade. Ademais, todos os participantes do programa deveriam ser analisados. Essa primeira experiência do freudo-marxismo durou até 1924, quando pela completa falta de apoio da conservadora Associação Internacional de Psicanálise, e sabotada pela reação da burocracia do estado, Vera Schmidt teve que abandonar o projeto.

Mas não apenas na União Soviética teve-se a impressão de que a psicanálise completava muito bem o marxismo. Em Berlim, tentando realizar um projeto mais de luta do que de renovação do homem numa sociedade nova, Otto Fenichel dizia que tanto a psicanálise quanto o marxismo eram ciências desmistificadoras, ambas suspeitavam da veracidade de fenômenos demasiado ostensivos, e procuravam interpretá-los como resultantes de forças ocultas. Ali, as relações de produção e os antagonismos de classe que delas resultam; aqui, o inconsciente, isto é, as necessidades biológicas primitivas e as forças que lhes são contrapostas. Não necessariamente o pessimismo cultural de Freud deveria ser uma dedução analítica, e, por outra parte, não necessariamente a psicanálise deveria ser a manifestação pequeno-burguesa que absolutiza a ordem capitalista. A psicanálise, ressaltava Fenichel, é uma *ciência empírica*, ela não estaria, como tal, em contradição com o marxismo, assim como não está a astronomia. A psicanálise, como o marxismo, é uma *ciência materialista*, o seu substrato é a biologia. A psicanálise é também uma *ciência histórica*, posto que o seu método é a pesquisa genética, o desvendamento da biografia do indivíduo. E, finalmente, a psicanálise é uma *ciência dialética*, já que trata essencialmente do conflito. Por que não andarem de mãos dadas as duas ciências da renovação da sociedade e do indivíduo?

3. Sexpol

Essa compreensão de que marxismo e psicanálise têm muita coisa em comum não escapa tampouco a Wilhelm Reich, que de duas ciências paralelas que podem andar de mãos dadas, tenta criar agora uma teoria que aglutine ambos os projetos num só corpo conceitual – Reich remodela a psicanálise e a torna uma teoria revolucionária da sexualidade e da política. Isso se faz através do aprofundamento do biologismo subjacente à metapsicologia freudiana e da criação dos novos conceitos de *genitalidade* e de *caráter*. A *teoria da genitalidade* se baseia no esquema freudiano original que define a neurose como um conflito entre a libido e uma instância moral repressora. O *ego*, enfraquecido, não teria força para dizer não à libido nem para contê-la de modo eficaz. A neurose aparece então como uma espécie de compromisso insatisfatório entre a instância moral e a sexualidade, onde o sujeito fatalmente convive com alguma perturbação de ordem sexual. O tipo de perturbação sexual, bem como o tipo de neurose que o indivíduo vai sofrer, depende da

fase da evolução sexual onde o conflito psíquico se localiza; isto é, poderia ser na fase oral, anal ou genital. Entretanto, esta definição evolutiva da sexualidade de Freud que Reich aceita, tem para ele uma descrição não em termos restritos, ou seja, como um resultado atual das fixações passadas das pulsões parciais. Reich modula a teoria e, tomando a libido genital como um todo indissociável, toma as fixações apenas como formas de retrocesso nas disposições defensivas. Somente a plena e satisfatória descarga da libido, através do orgasmo completo, pode assegurar o equilíbrio do indivíduo e preservar sua saúde psíquica. A repressão da genitalidade, pelo contrário, leva ao represamento da libido e gera a angústia, que interfere na capacidade de trabalho e de convivência social. Reich descreve essa situação como de *impotência orgástica*. O indivíduo em condições normais teria gratificações genitais periódicas através do orgasmo, e a energia pulsional restante seria canalizada para atividades socialmente úteis. O indivíduo saudável seria capaz de trabalho e de amor. Segue-se daí que o pessimismo cultural de Freud é injustificado, pois este via na civilização o fruto da renúncia pulsional do indivíduo, e somente a esse preço a vida social era possível. Diferente de Freud, o indivíduo, segundo Reich, não precisa sacrificar a sua libido genital, somente suas pulsões agressivas e pré-genitais. A agressividade é secundária, fruto da repressão, e não primária, como dizia Freud.

Já a *teoria do caráter* é a descrição de uma função que serve para proteger o indivíduo do choque contra a realidade conflitiva e contra os estímulos internos angustiantes. O caráter é uma *couraça*, uma blindagem erigida pelo *ego* para servir às suas operações de defesa. A couraça é a cristalização de toda a vida pregressa do indivíduo. A teoria do caráter de Reich acaba por explicar a eficácia da ideologia, que não depende de uma adesão consciente aos seus conteúdos, mas de uma obediência automática aos seus imperativos. A ideologia se ancora no caráter, e o caráter é uma espécie de calcificação da ideologia, tornando-se parte integrante da personalidade.

O apogeu da reformulação teórica de Reich encontra-se na criação do projeto de uma associação a favor de uma política sexual proletária, a SEXPOL, onde se define uma prática de higiene mental dirigida à juventude. Sua ação se dava entre os jovens comunistas alemães, e esse projeto finalmente lhe valeu não apenas a sua exclusão da Associação Internacional de Psicanálise, como também a expulsão do Partido Comunista. Com a ascensão do nazismo, Reich emigra para a Dinamarca, depois para a Noruega, e depois para os Estados Unidos. Sempre

perseguido e sempre aprofundando suas pesquisas bio-físico-psicológicas, Reich termina sua síntese teórica na procura do *orgônio*, substância primordial do orgasmo, mas também da atmosfera e de toda a estrutura da Via Láctea. O orgônio explicaria tanto a formação das galáxias quanto o surgimento do câncer. Para poder captá-lo na atmosfera e utilizá-lo no tratamento da impotência orgástica, Reich constrói nos Estados Unidos aparelhos “acumuladores de orgônio”. Em 1940 consegue mostrar a Einstein um desses acumuladores. Einstein, que variava entre a crença e a descrença na cientificidade da psicanálise, observou no começo suas exposições teóricas e práticas com algum interesse, mas depois retirou-se, e nunca mais comentou nada a respeito, para decepção de Reich.

4. A Psicanálise Desencontra o Marxismo

Um dos casos mais interessantes da história do marxismo com a psicanálise é na verdade o desencontro delas nos escritos de Georges Politzer. Em 1928, Politzer publica um livro sobre uma *Crítica dos Fundamentos da Psicologia*, onde rejeita a pretensão de cientificidade da psicologia em geral, e em particular da psicanálise, dentro dos mesmos modelos em que a biologia e a física são atividades consideradas como científicas. Dentre as psicologias elencadas por Politzer, a Gestalt, o behaviorismo e a psicanálise, apenas a psicanálise teria chance de sobreviver como ciência, desde que eliminasse a sua psicologia abstrata e se reduzisse somente à sua *psicologia concreta*. Das três psicologias clássicas, apenas a psicanálise conservava em si aspectos da verdadeira psicologia. A psicologia abstrata, a falsa, era aquela que procurava o objeto de seu estudo, o psicológico, na vida interior do homem esquecendo o indivíduo que o sustenta – ela buscava o *ghost in the machine*. A falsa psicologia definia este objeto, o psicológico, sempre como uma resultante de processos necessários e interligados cujas leis deveriam ser descritas e explicadas. A forma de apreensão desses processos era dada através de conceitos e noções definidas de maneira universal e em terceira pessoa, como, por exemplo, quando se define conceitos como os de *recalque*, *inconsciente*, *pensamentos latentes*, *processos primários e secundários*, *desejo*, como se fossem manifestações independentes da vida do indivíduo e dos seus dramas pessoais. A psicologia abstrata separava o relato (a linguagem) do pensamento que se expressa nesse relato, como se fossem duas entidades estanques. Era a

disciplina que escapava da significação imanente ao eu para as suas causas incondicionadas e ocultas.

Para passar a ser uma psicologia concreta, a psicanálise deveria abandonar a introspecção e os postulados em terceira pessoa, mais próprios da epistemologia da física do que de uma psicologia, e ater-se somente aos dramas particulares de cada indivíduo, aos conflitos, acontecimentos e significações particulares à sua vida, aos seus atos concretos, inseparáveis do seu “eu” e dos sentidos que ele produz. Assim sendo, se o sonho tem um sentido, este deve ser buscado não numa entidade alheia ao eu concreto do sonhador, mas nos próprios dramas ao quais a vida deste indivíduo está vinculada. Este sentido é um sentido particular atribuído pelo sujeito aos seus desejos. Desejo aqui entendido como categoria particular, não como entidade universal abstraída das vidas concretas das pessoas. O que explica o sonho são fatos individuais, tirados da experiência singular do indivíduo em questão. Um sonho não é a realização de um desejo em geral, mas de um desejo particular: o “eu” está sempre presente no sonho.

Este livro de Politzer influenciou enormemente uma parte da intelectualidade francesa. Nomes como Merleau-Ponty, Jean-Paul Sartre, Michel Foucault e Jacques Lacan foram marcados pela letra politzeriana. Porém dentre os psicólogos da época que leram seu livro, ninguém se reconheceu como partidário de alguma psicologia abstrata. Todos se apressaram logo a declarar que sua psicologia não era abstrata, era também concreta e em conformidade com a crítica de Politzer. De um dia para o outro a psicologia abstrata não mais existia, senão sob forma disfarçada de psicologia concreta. A mensagem de Politzer havia sido, portanto, tão bem divulgada quanto muito mal entendida. Aos 26 anos de idade, um ano depois da publicação de sua *Crítica*, Politzer desiste completamente da psicologia e se filia ao Partido Comunista Francês. Doravante este grande pensador vai aderir às teses do materialismo dialético e condenar definitivamente a psicanálise como ciência burguesa, num prenúncio de jdanovismo.

5. Teoria Crítica

Completamente independente de qualquer ideal de ciência, mesmo que fosse de ciência do particular, encontramos uma cooperação do marxismo com a psicanálise nas teses de um dos fundadores da *Escola de Frankfurt*, Theodor Adorno. Este filósofo alemão que nunca conheceu Politzer, se interessava não somente pelo concreto da psicanálise em detrimento do seu abstrato, como também somente pelo concreto do materialismo marxista independente das suas pretensões universalizantes. Se Politzer foi do concreto da psicanálise ao abstrato do materialismo dialético, Adorno se mantém particularista e fragmentário nas duas abordagens que, em sua filosofia, se misturam como teoria crítica da razão e da sociedade industrial. Seu intento era dar resposta eficiente ao que o marxismo oficial não conseguia sequer apreender: quais seriam os obstáculos propriamente psicológicos que se opunham a uma mudança social? Adorno forjou uma crítica da razão dominante, tecnocrática e funcional ao capitalismo industrial. Esta *razão instrumental*, depois do declínio dos grandes sistemas idealistas e da razão autônoma, acedia ao ser pelo viés de uma certa concepção de identidade e de universalidade suficientemente capazes de constranger o indivíduo às suas finalidades. A razão se convertera no critério subjetivo emanado da classe dominante que organizava a realidade social, política e econômica em função de seus interesses próprios. Uma totalização que facilmente se converteria em totalitarismo.

O ideal de ciência era, para Adorno, um desses momentos de totalização da razão instrumental. Por isso, para que o marxismo e a psicanálise pudessem ser eficientes na crítica da ideologia, da dominação subjetiva e da repressão dissimulada, era preciso que esses mesmos pensamentos estivessem despidos de suas vestes totalizantes, livres da subsunção do particular no universal e de sua conseqüente emasculação. Assim, a psicanálise seria capaz de fornecer a crítica da transfiguração ideológica do psíquico, e o marxismo, a crítica da reificação e da alienação econômica e social. A teoria analítica denunciaria a falta de liberdade e a degradação dos seres humanos da mesma forma que a crítica materialista revelaria uma situação governada às cegas pela economia.

Adorno respeitava apenas um princípio: o princípio da *não-identidade*. No entanto, seria este “princípio” realmente um “princípio”, quer dizer, uma *identidade* como qualquer outra que já tinha sido alvo de sua crítica? Não. Para desencorajar qualquer pretensão sistemática, e para evitar uma petição de princípio, uma invalidação de sua proposta já na sua própria nascente,

Adorno produzia uma filosofia aberta à polissemia e fragmentada que ele muitas vezes denominou como *atonal*, em homenagem a seu amigo Schönberg. Adorno produzia textos com núcleos de incomunicabilidade com a clara intenção de opor uma resistência à sua possível instrumentalização: suas formulações se caracterizavam pela dificuldade da compreensão. Formalmente, seus livros se assemelham às obras de arte contemporâneas, que não se entregam nem fácil nem completamente a enquadramentos identitários. Para a busca da identidade na não-identidade, este pensador opunha, portanto, a não-identidade da identidade. O efeito dessa fórmula é fazer com que aquilo que existe não coincida nunca com o seu conceito geral. Porém mais que isto: se temos que conceitualizar, que o façamos em constelação, sempre sabendo que os objetos não são estabilidades identitárias senão partes de uma galáxia – se subsumimos em conceito, algo do objeto se perde. Com este movimento teórico, Adorno não só pretende rebater o positivismo e todo tipo de idealismo, mas também prenuncia uma particularidade da própria *filosofia da diferença* que surgiria mais tarde com Derrida, bem como uma espécie de *holismo* muito presente na corrente pragmática davidsoniana.

6. Em Prol do Pessimismo

Este cerne crítico das teorias mestras da suspeita, o marxismo e a psicanálise, também é relevado por Max Horkheimer na sua vigilância da razão contra ela mesma e contras as suas pretensões de domínio e opressão. Horkheimer participa com Adorno da elaboração do livro *Dialética do Esclarecimento* que põe a público suas denúncias da racionalidade instrumental do capitalismo tardio da sociedade industrial. Para Horkheimer, tampouco pode haver completude ou auto-suficiência dos sistemas de conhecimento, nem identidade entre o sujeito do conhecimento e o objeto conhecido. A atividade teórica do sujeito não pode ser uma intencionalidade pura, senão apenas uma unidade aparente posta sobre uma reserva de correntes e impulsos contraditórios. Tanto a psicanálise quanto o marxismo põem à luz do dia, à luz brilhante do sol, a fixação hipnótica das consciências acerca dos comportamentos e reações que se situam contrariamente ao interesse do indivíduo ou àquilo que se poderia racionalmente esperar dele. Os mecanismos sociais tampouco podem ser verdadeiramente compreendidos se não houver esforço para apreender como eles se inserem nas consciências dos indivíduos e dos grupos, isto é, como

se articula a vertente social e a individual da dominação e da repressão. O otimismo fácil é uma dessas formas de dominação. Por isso, Horkheimer, antes de ser participante de algum partido, o que realmente não foi, era partidário do mal-estar na cultura, a peça chave da compreensão social elaborada por Freud. Esta era para ele a condição existencial do homem socializado, e também era aquilo contra o qual o homem não poderia parar de lutar. Se nesse sentido alguma questão surgisse sobre o problema da aporia entre o engajamento político-partidário e o isolamento intelectual, este autor pensava que era possível superar esta questão na ação sobre a prática teórica e suas condições de eficácia, produzindo conhecimentos que transformassem, pelo menos potencialmente, o campo das práticas conscientes. A filosofia deveria se fazer filosofia social, e colocar seus acentos na insistência em defender o indivíduo face à fetichização dos organismos coletivos que se transformam em espíritos totalitários. A teoria crítica, no entanto, não deveria se iludir. Ela deveria, em conformidade com o mal-estar, aceitar a sua própria precariedade e saber que sua esperança de um mundo diferente poderia muito bem nunca acontecer.

7. Em Prol do Otimismo

Em desconformidade com Adorno e Horkheimer, Herbert Marcuse não postula a disjunção entre sujeito e objeto nem a recusa da utopia para melhor preservar a sua capacidade subversiva. Mais idealista e mais universalista que seus colegas, ele adere a uma linha muito bem demarcada e clara de pensamento para lutar contra o totalitarismo. Marcuse é plenamente a favor da utopia como parâmetro para estabelecer as condições da práxis revolucionária. Nesse sentido, a conjunção que tentará realizar entre marxismo e psicanálise será diferente da que puseram em prática os outros dois fundadores da Escola de Frankfurt. A psicanálise, além de ser utilizada como crítica da cultura, vai servir também para pensar a fundação de uma ordem social não repressiva. Entre *Eros* e *Thánatos*, Marcuse sustenta a supremacia do primeiro. Em Marcuse há uma importância especial a ser atribuída ao sonho e às aspirações e imagens de um mundo novo e melhor. O pensamento crítico, o espírito rebelde e capaz de despertar as consciências não prescinde da utopia e das imagens oníricas. A ética da recusa da ordem social dominante e da revolta se faz em torno do sonho e de uma nova estética da existência.

Marcuse é semelhante aos seus companheiros na sua avaliação da sociedade ocidental da opulência: ele a distingue como a encarnação de uma racionalidade que exclui todos os elementos que poderiam transcendê-la. A classe operária introjeta todos os valores do sistema, formando uma sociedade consistente e integrada, ao mesmo tempo que repressiva e alienadora. Esse conjunto de fatores conduz a uma *unidimensionalização* da sociedade em todos os níveis. A metapsicologia forneceria, na descrição da dinâmica pulsional, os elementos para uma crítica devastadora dessa ordem. Na estrutura mais íntima do aparelho pulsional encontra-se a presença da repressão social, que modela os impulsos de acordo com as exigências do princípio de realidade e sufoca todas as aspirações à felicidade. A presença das manifestações agressiva, da angústia e da culpabilidade seriam as marcas patentes da crescente sublimação da energia sexual no trabalho e da acumulação de interditos.

Tentando ultrapassar Freud, este autor pensa que a sexualidade, em última instância, não tem um caráter destruidor senão num mundo evidentemente enfermo pela opressão. O princípio motor do destino humano não é mais a pulsão de morte, como em Freud, mas o princípio do prazer, ou *Eros*: essa é a única potência capaz de congrega forças para lutar contra o princípio da realidade ou a ordem estabelecida, e contra as suas manifestações patológicas: a violência e a morte.

8. A Virada Lingüística

A última forma de aliança entre o marxismo e a psicanálise que vou apresentar aqui é a que traz a marca da virada lingüística: a formulação trazida por Louis Althusser, que faz passar essas teorias pelo crisol de uma certa concepção da linguagem. A intenção original de Althusser era apresentar uma psicanálise como ciência de um objeto próprio, o inconsciente, e um marxismo livre das amarras stalinistas. Como ideologia e imaginário se entrecruzam nos indivíduos, a ferramenta de luta contra as mistificações e fetiches passa necessariamente pelas ferramentas adequadas para entender como o simbólico vira presa da alienação capitalista. O estruturalismo no marxismo e o retorno a Freud promovido por Jacques Lacan são as ferramentas adequadas para esse fim.

Althusser observa de maneira pertinente que a psicanálise de Lacan havia escapado dos impasses politzerianos. Ela não mais era uma versão do concreto alienada em abstrações, tampouco relia as teses biologizantes de Freud em seus próprios termos. Não há, para Lacan, sentidos ocultos, não há mecanismos latentes, não há conceitos em terceira pessoa independentes da vida concreta dos sujeitos. O Édipo em Lacan, interpreta Althusser, não é uma estrutura do passado que de repente é reativada, uma estrutura à qual lhe faltaria ainda dar palavra, mas é a própria estrutura dramática, a “máquina teatral” imposta pela “lei da cultura” a qualquer candidato forçado e involuntário à humanidade. A psicanálise seria portanto um pensamento rigoroso das condições da existência dentro de uma estrutura formal da linguagem. O inconsciente, seu objeto de conhecimento, também é estudado nessas condições de possibilidade como *estrutura de desconhecimento*.

O drama passa a ser condição de possibilidade não só da teoria psicanalítica como também da marxista. Althusser propunha uma idéia de razão no conflito, a prática marxista e a prática psicanalista seriam impensáveis fora do conflito. Qualquer idéia de razão que excluísse o conflito seria falsa. Althusser teve também o cuidado de posteriormente evitar fazer desta aliança entre Freud e Marx uma teoria única e omniexplicativa. Tratou-as como teorias científicas separadas com objetos de estudo separados que poderiam ser utilizadas em paralelo na luta contra a ideologia no nível individual e social. O nível de elaboração teórica era para ele também uma prática; a filosofia, em última instância, uma política.

É de se perguntar, contudo, se a aliança Freud-Marx teve para Lacan algum interesse para além da conveniência de poder passar a ditar seus seminários numa sala da prestigiosa *École Normale Supérieure*. Outro detalhe é de que a teoria lacaniana resgatada por Althusser corresponde somente ao Lacan da década de 50. Escapa-lhe completamente o Lacan dos anos 60, muito mais voltado para uma psicanálise do real que do simbólico, onde o ideal de ciência da psicanálise já estava extinto e o sujeito da ciência não era mais que correlato do sujeito da psicanálise.

Conclusão: É Possível um Programa Conjunto?

A história da relação entre o marxismo e a psicanálise demonstra que sempre houve alguma coisa que ficou faltando para criar-se qualquer programa duradouro de cooperação entre as duas teorias. Essa é uma propriedade permanente desses encontros: quando o sujeito se depara com o objeto que procura, ele o retoma da mesma maneira da mesma maneira como o antecipava na sua expectativa: encontrar um objeto é recortá-lo, o que fica de fora do recorte é esquecido. Pode ser, no entanto, que o que foi esquecido retorne, como sempre acontece com o recalçado, no novo encontro que se dará a seguir. Como se pôde ver, cada um desses encontros fez recortes diferentes dos anteriores, tanto do marxismo como da psicanálise.

Outro detalhe que se pode reparar é a pouca durabilidade desses casamentos. Ocorre nessa história algo bem diferente do que na história da cooperação entre o cristianismo e o marxismo. Hoje, decorridos mais de trinta anos da publicação dos primeiros textos da teologia da libertação, ainda temos experiências exitosas de conjunção entre fé e materialismo dialético. O que à primeira vista seria um paradoxismo, é na verdade uma prática e uma teoria bastante bem consolidadas na história. Numa recente notícia de jornal, li que Carlos Alberto Libânio Christo, o Frei Betto, estava conduzindo um ativo grupo composto de mais de 500 jovens na região do ABC paulista, cuja denominação era “MIRE” – mística e revolução.

Nesse pequeno enredo posso apontar algumas faltas que tentam ser recobertas à força: como, por exemplo, a crença ou a presunção de psicanálise e de marxismo como ciências; o excesso de reducionismo no resgate da teoria freudiana para fins de crítica social, por exemplo, na desconsideração das implicações antidogmáticas da pulsão de morte; a extrapolação fácil da teoria do individual para a do social. Neste último sentido, há, por exemplo, declarações que ainda hoje se encontram em livros famosos, como as de um psicanalista que prefaciou um livro de Slavoj Žižek, que textualmente dizem:¹

“...a relação da psicanálise com o estudo crítico da sociedade não se constitui como um subproduto obtido sob a forma de uma ‘contribuição’ oriunda de uma disciplina que se ocuparia principalmente do indivíduo. Sua conexão com esse campo é direta, pois a lógica que procede à formação dos fenômenos clínicos é a mesma que informa os impasses com que toda a sociedade se defronta...”

¹ SOUZA, Octavio. “Apresentação à Edição Brasileira”. In: ŽIZEK, Slavoj. *O Mais Sublime dos Históricos. Hegel com Lacan*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1991, p.11.

Minha opinião é exatamente contrária à desse comentador. Penso que a psicanálise não pode informar o marxismo, só pode contribuir, só pode ser para ele subproduto, e só pode fornecer subsídios indiretos. Embora seja verdade que podemos entender a teoria dos quatro discursos de Lacan como matemas que dão conta ao mesmo tempo da constituição do sujeito como tal e das formas ordinárias do seu assujeitamento político, isso não implica de maneira nenhuma a indução do individual ou do particular ao social ou geral. É logicamente distinto dizer que a coisa é efeito do significante do que supor que se possa subsumir a coisa pelo significante. No primeiro caso, o raciocínio é retroativo e explica o resultado pelos termos correspondentes. No segundo caso, o raciocínio é preditivo e parte dos termos para os resultados posteriores. Passar diretamente do individual para o social significa isso: *extra-polar*. Ao contrário dessa posição, é mais prudente nos atermos às contribuições indiretas que a psicanálise pode prestar às teorias marxistas e a toda a filosofia política em geral. Temo que a uma tentativa de tampar à força a falta que falta, ressurgam tentativas de se criar canhões de orgônio para fazer chover no deserto do Arizona ou então criar uma associação mundial de psicanálise e uma agência de notícias que se caracterizam mais pela política de confrontos e pela institucionalização do que pela teoria e pela clínica.

João José R. L. Almeida
limalme@uol.com.br

Bibliografia

ADORNO, Theodor & HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento. Fragmentos Filosóficos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1986.

- ALTHUSSER, Louis. *Freud e Lacan. Marx e Freud*. Rio de Janeiro, Ed. Graal, 1984.
- ASSOUN, Paul-Laurent. *A Escola de Frankfurt*. São Paulo, Ed. Ática, 1991.
- FREUD, Sigmund. "Civilization and its discontents", in: *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*, v. XXI. London, The Hogarth Press, 1961.
- JAY, Martin. *As Idéias de Adorno*. São Paulo, Ed. Cultrix, 1995.
- LACAN, Jacques. *Le Séminaire, livre XVII: l'envers de la psychanalyse*. Paris, Ed. du Seuil, 1991.
- MARCUSE, Herbert. *Eros e Civilização. Uma Interpretação Filosófica do Pensamento de Freud*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1969.
- POLITZER, Georges. *Crítica dos Fundamentos da Psicologia. A Psicologia e a Psicanálise*. Piracicaba, Ed. Unimep, 1998.
- REICH, Wilhelm. *Análisis del Carácter*. Buenos Aires, Ed. Paidós, 1978.
- ROUANET, Sérgio Paulo. *Teoria Crítica e Psicanálise*. Rio de Janeiro, Ed. Tempo Brasileiro, 1986.
- ROUDINESCO, Elisabeth. *História da Psicanálise na França: A Batalha dos Cem Anos*. v. 2. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1989.
- ZIZEK, Slavoj. *O Mais Sublime dos Históricos. Hegel com Lacan*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1991.